

O «Alto» ou «Monte do Castelo»

Penha Longa (Marco de Canaveses)

POR

D. Domingos de Pinho Brandão

Bispo Auxiliar do Porto

O Alto ou Monte do Castelo fica situado na freguesia de Penha Longa, do concelho de Marco de Canaveses, a uns 60 quilómetros do Porto, a cujo distrito e diocese pertence.

Trata-se de uma elevação terminada em conjunto rochoso de granito, constituído por blocos irregulares fragmentados pela acção de agentes naturais físico-químicos. O perímetro da parte rochosa não é grande, como não é muito grande a elevação ou montículo donde emerge. Tem uma cota de 668 metros de altura. Do planalto ou quase planalto emerge, perto, uma outra elevação designada Fonte Cova onde se encontra um marco geodésico. Nas vizinhanças imediatas há alguns campos agricultados, duas pequenas casas habitadas e um curral-palheiro, integrando tudo o lugar chamado *Castelo*. Uma estrada de terra batida, aberta há poucos anos, saindo de Montedeiras (da estrada que liga Penha Longa a Manhuncelos) para Fandinhães, passa a sudeste e sul do Alto do Castelo, a distância muito pequena.

Como se disse, a parte mais alta ou crista é formada por rochas graníticas. Do lado sul, perto da base do cerro granítico existiu um paramento de muralha que desabou, vendo-se no declive aglomeradas e espalhadas, em pequena extensão, as características pedras resultantes. Dos outros lados, pela constituição do conjunto, o acesso ao alto era difícil. Do lado sul era mais fácil. Daí

a defesa ou cinta defensiva do cerro pedregoso ser constituída pela morfologia do próprio cerro e pela muralha construída no lado sul.

Não se distinguem junto do cerro ou mais ao largo vestígios de casas, mas um exame mais atento, sondagens e escavações poderão fornecer dados sobre possíveis construções aí existentes (muralhas e casas) e outros elementos de interesse.

Duas visitas rápidas ao local e a escalada ao alto permitiram-me descobrir abundantes fragmentos de cerâmica, alguns (poucos) restos de escória de ferro e poucos fragmentos de carvão. Estes objectos encontravam-se à superfície ou quase à superfície: no alto do cerro nos interstícios e reintrâncias das pedras; ou de mistura com a terra no alto como no declive sobretudo noroeste, na terra descida do alto e debaixo das pedras na terra remexida pelos cães à busca e perseguição da caça (coelhos e lebres).

A cerâmica recolhida está muito fragmentada (bordos, asas, fundos, bandas, etc.); é de pasta grosseira, alguma mal cozida, fabricada à mão uma, outra com o auxílio de roda de oleiro. Os fragmentos são de espessura diversa e pertenceram a vasos de tamanhos diferentes: desde grandes *dolia* a pequenos vasos de paredes pouco espessas e de configuração variada. A pasta é micácea e de diversas cores, predominando o escuro, o esbranquiçado e o tom avermelhado ⁽¹⁾.

A ornamentação é muito simples e primitiva: frequentes as cordas horizontais a toda a volta, adossadas, muito repetidas, por vezes, no mesmo vaso em posição paralela, sobre as quais se foi premendo, antes da cozedura, a todo o correr, um dedo, ou objecto de secção circular, deixando os sulcos ou sulcos dedados em posição vertical ou oblíqua. Este tipo de ornamentação (sulcos e sulcos

(1) O Rev. P.^o Fernando Cardoso de Lemos, natural de Penha Longa, possui espólio (cerâmica, escória de ferro e restos de carvão) encontrado no Monte do Castelo. Foi ele que aí acompanhou pela primeira vez o Autor da comunicação. No Museu do Seminário do Porto há também espólio arqueológico da mesma proveniência.

dedados) estende-se algumas vezes aos próprios bordos e às margens da base. O referido «cordame», além do aspecto ornamental, tem a função de tornar mais resistentes as paredes dos vasos, e ainda hoje se observa em vasos de cerâmica grosseira. Outro tipo de ornamentação frequente é o que resulta, sobretudo nas asas, de sulcos paralelos verticais abertos, antes da cozedura, com estilete a toda a dimensão da asa, ou de sulcos picados, de direcção vertical, espalhando-se na superfície das asas e às vezes no corpo dos vasos. Esta ornamentação primitiva e simples encontra-se, com frequência, em cerâmica castreja. Frequentes ainda os motivos serpiformes ou ondulados, abertos por estiletos antes também da cozedura, no bojo ou paredes dos vasos, e de correr horizontal.

Apareceu um cossoiro (?) formado de um fragmento de cerâmica, arredondado e perfurado. Escórias de ferro, carvões e cinzas (ou terra com cinza) completam o espólio encontrado.

Este Monte do Castelo integra-se topograficamente num conjunto de muito interesse arqueológico: não muito longe o célebre monte de Arados (freguesias de Alpendurada e Ariz); mais perto, o Castro do Boi e uma pequena elevação conhecida por Muro. Na mesma freguesia de Penha Longa, as insculpturas rupestres do Monte de Eiró, em Piores (espirais, linhas serpeantes e reticulados) ⁽¹⁾. Não muito longe na mata da Casa do Freixo, penedos insculpturados com covinhas ou *fossettes*. E, mais longe, Várzea do Douro com o Monte das Penegotas, romanizado, com elementos característicos pré-romanos também. À distância, divisam-se Eja e o Monte Mozinho ou Cidade Morta.

(1) Ver D. de Pinho Brandão, *Insculpturas do Monte de Eiró* em «Lucerna», vol. I, n.º 2 (Porto, 1961), pp. 45-58 (ilust.). Sobre *Várzea do Douro e Monte de Arados*, ver Fernando Lanhas e Domingos de Pinho Brandão, *Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico*, em «Revista de Etnografia», n.º 15 (Porto, 1967), pp. 5 e segs. Sobre a *cultura castreja* ver Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências—XXVI Congresso Luso-Espanhol, (actas) tomo II (Porto, 1962), pp. 373-462.

Em conclusão:

- 1) Trata-se de uma estação arqueológica pré-romana, integrada numa vasta rede de monumentos e estações arqueológicas pré-romanas.
- 2) A designação popular é *Castelo*. Terá sido, possivelmente, um reduto defensivo de pequenas dimensões. O próprio nome pode sugerir-lo. Poderá ter sido também um santuário ou lugar de culto.
- 3) Parece, de facto, que se não trata de um castro de habitação permanente. Se houve habitações, seriam provavelmente de madeira e ocasionais. Novas sondagens permitirão chegar a conclusões mais rigorosas.
- 4) Pelos carvões e cinzas encontrados, não é de afastar a hipótese de um incêndio no local.
- 5) A ornamentação é simples e repete-se na cerâmica encontrada noutros castros.
- 6) O povo chama *Castelo* ao referido alto de Penha Longa. Importa prosseguir a procura e determinação mais específicas de nomes que melhor traduzam a natureza das diversas estações arqueológicas vulgarmente agrupadas sob a designação geral, vaga e indeterminada, de «castros» que se tem aplicado e continua a aplicar a estações arqueológicas de natureza e conteúdo diferentes. Este desejo ou voto parece ter cabimento na temática do presente colóquio de cultura castreja.

Seguem-se as intervenções em colóquio.

Prof. Santos Júnior:

Exalta a abundante documentação iconográfica da cerâmica que recolheu naquele castro e as justas considerações que fez sobre ela. Discorda de que a designação de castro ou crasto, possa levar a enganos.

Essa designação deve ser adoptada, por ser designação geral.

Há quase meia centena de designações de castro ⁽¹⁾: castro, crasto ou castelo dos mouros, são talvez as mais frequentes.

Citânia, designa os de maiores dimensões.

Há necessidade de conglobar numa designação geral estes povoados, em cima de montes com defesas.

É preciso uma designação genérica. *Castro* é a designação que tem sido adoptada. Está, digamos consagrada pelo uso, embora talvez fosse preferível *Crasto*. O uso faz lei.

D. Domingos de Pinho Brandão:

É importante uma designação genérica, mas é ainda mais importante uma terminologia apropriada que indique a natureza das estações arqueológicas conhecidas sob a designação geral de «castro». Algumas estações arqueológicas assim designadas últimamente aparecem nos documentos medievais com nomes diferentes. Já hoje algumas também começam a ser designadas com outros nomes, por exemplo, «recintos fortificados», etc.

⁽¹⁾ No trabalho *O Castro de Carvalhelhos*, por Santos Júnior, fasc. 1-2 do vol. XVI dos «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», publicação da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia e do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, Porto, 1957, págs. 25 a 62, 29 figs., publicou-se uma lista dos nomes pelos quais, consoante as regiões, o povo designa os velhos castros alcançados nos corutos dos montes.

Dão-se a seguir com alguns acrescentos, cerca de meia dúzia, colhidos após a publicação do citado trabalho.

Casal dos mouros, casalico, casarelhos, caselinhas, casicas, casildro, casinhas, castelares, castelejão, castelejo, castelo dos mouros, castelinho, casteloso, castiêlho, castilejo, castilhão, catragosa, castralheira ou castralheiras, castralhouço, castrelim ou castelim, castrelinhos, castrelos, castrelhão, castrilhão, castrilhouço, castro, castrobuço, cêrca, cêrca dos mouros, cidadêlha, cidadonha, cigadonha, ciranelha, cidade, couto dos mouros, coroa, crasto, crestêlo ou crestêlos, crestim, cristêlo, escantralhouço, feira dos mouros, muradal, murada, muradelhas, muro, paredelhas.

Nada menos de 47 designações. Se é certo que algumas são pequenas variantes, não é menos certo que, mesmo que eliminássemos tais variantes, o seu número atingiria as três dezenas ou mesmo mais (Santos Júnior).

Ver também «Questionário», no n.º 6, sobre *castros* publicado em 1957 por D. Domingos de Pinho Brandão, quando Vice-Reitor do Seminário da Sé — Porto.

Importa estabelecer a diversa tipologia das estações conhecidas com a designação ultimamente generalizada de «castro» e dar-lhe o nome apropriado.

Prof. Santos Júnior:

Como? Se nem se conhece a existência de muitos castros que há no país à espera de serem visitados e estudados por arqueólogos.

Temos que seguir o exemplo da Galiza: fazer um catálogo dos castros por concelhos, relacionar os castros com as aldeias próximas, e, baseados no número de casas que poderiam existir, calcular o número de habitantes, para tentar concluir o número de pessoas que ali existiram.

Isto é tarefa de várias pessoas e não isenta de dificuldades pois nem sempre é possível num grupo de casas, apurar com segurança quais as que seriam pertença de um agregado familiar.

D. Domingos:

Está em projecto o levantamento de carta arqueológica do País.

D. Fernando de Almeida:

A Fundação C. Gulbenkian tomou a seu cargo financiar a elaboração da carta arqueológica do país, em colaboração com a Junta Nacional de Educação. Para tal tem uma comissão de que o interveniente e o conferente são membros; essa comissão elaborou um programa a cumprir. Haverá vários grupos de investigadores, destinados às diversas zonas do País. Cada grupo tem um investigador de bibliografia e arquivos; outros tomarão à sua conta pré-história, outros a arqueologia clássica, etc. Serão os grupos coadjuvados por fotógrafos, topógrafos e todos os auxiliares que se julgar serem necessários. Espera-se que em breve seja dado início a estes trabalhos.

Prof. Santos Júnior:

A Sociedade Portuguesa de Antropologia, da qual tem a honra de ser Presidente, muito gostosamente prestará o seu concurso na elaboração da carta arqueológica se para tal for solicitada.



Fig. 1 — Um aspecto do Monte do Castelo — Penha Longa



Fig. 2 — Outra vista do Monte do Castelo — Penha Longa

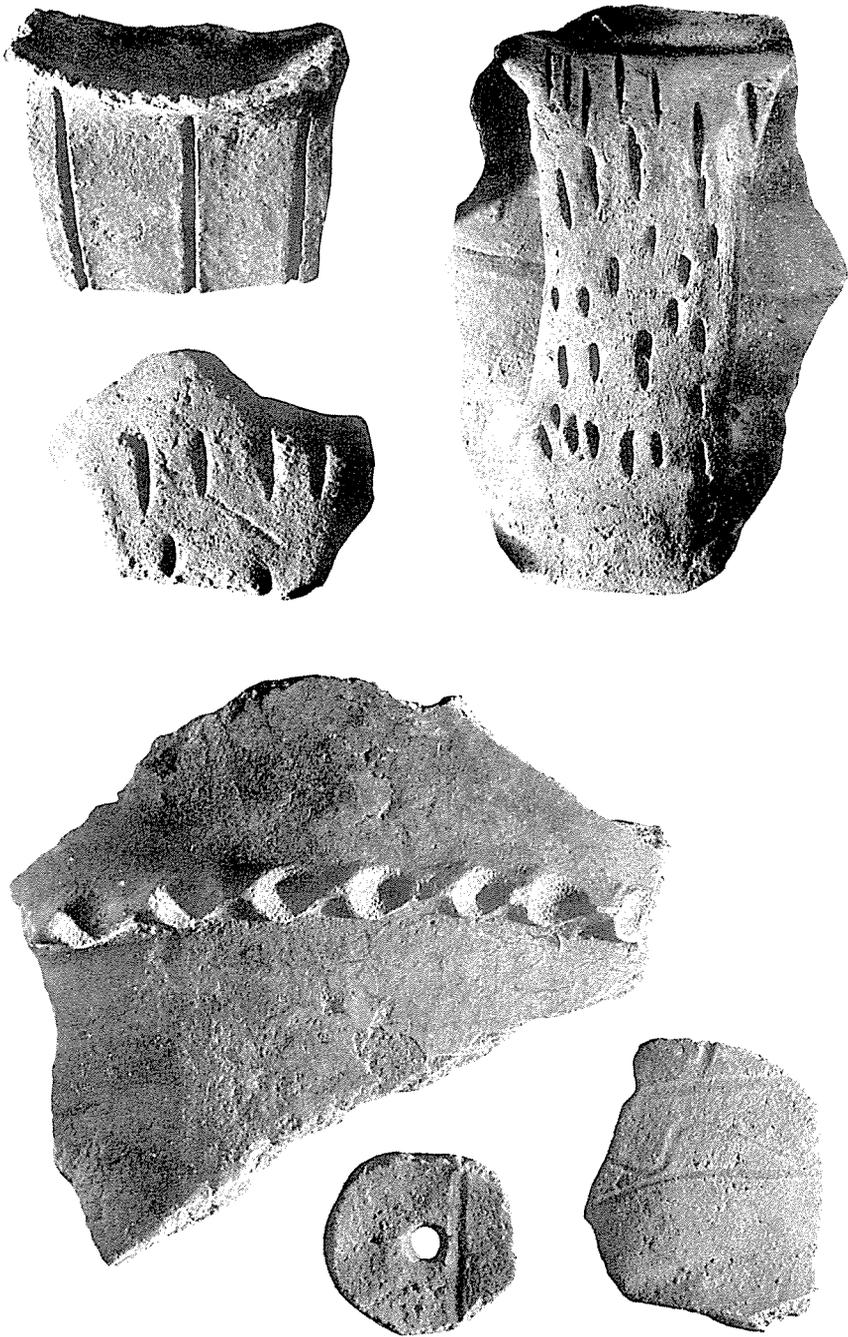


Fig. 3 — Monte do Castelo: fragmentos de cerâmica ornamentada e um fragmento perfurado

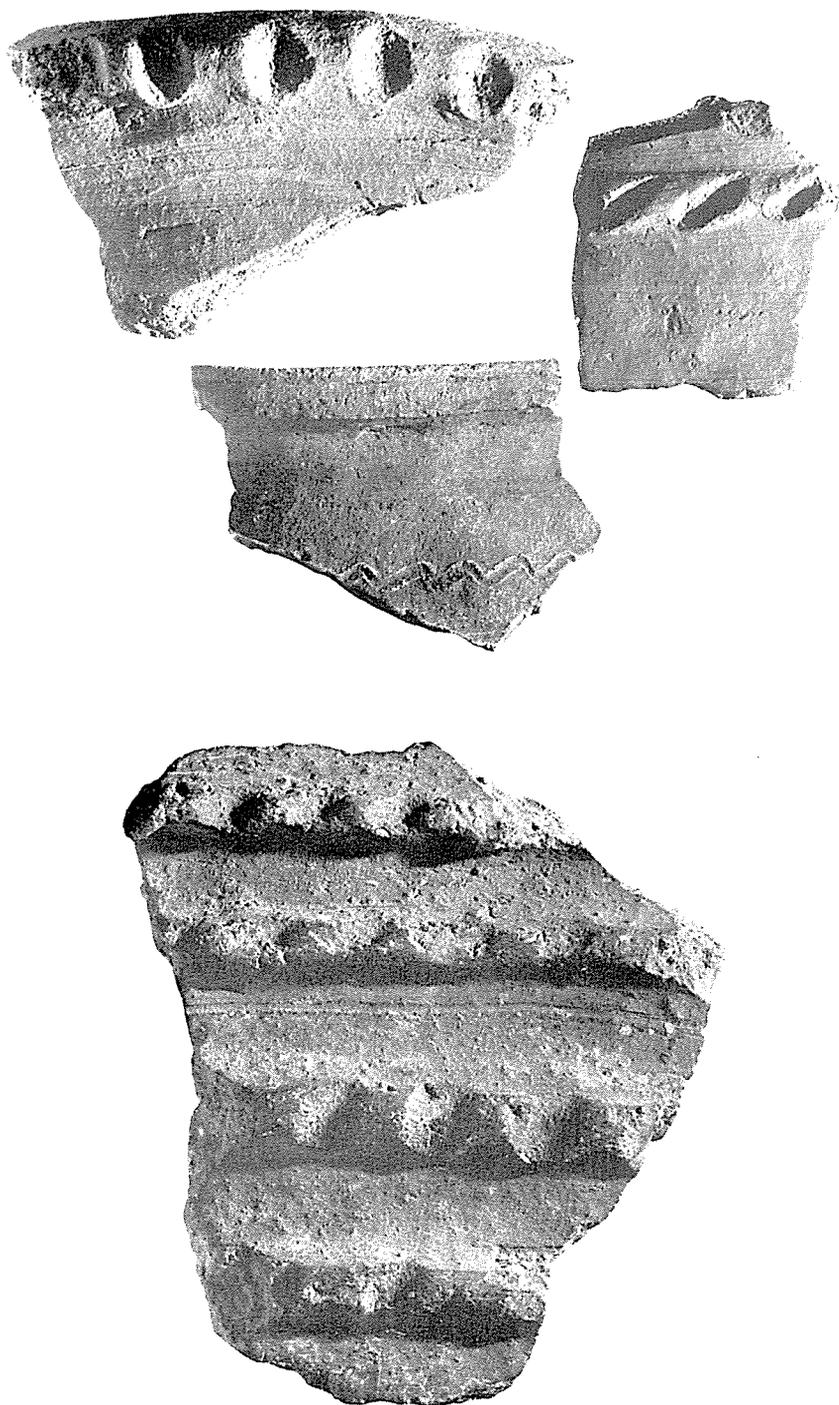


Fig. 4 — Monte do Castelo: fragmentos de cerâmica ornamentada



Fig. 5 — Monte de Eiró (Penha Longa): conjunto de insculpturas



Fig. 6 — Monte de Eiró (Penha Longa):
pedra com insculpturas proveniente do
Monte de Eiró, hoje no Museu Nacional
de Soares dos Reis — Porto